



ARQUIDIOCESE DE
PORTO ALEGRE



INICIAÇÃO À
VIDA CRISTÃ

FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA CATEQUISTAS

ARTIGOS DO
CREIO



INSTITUTO SÃO FRANCISCO – JULHO/17

OS ARTIGOS DO CREIO APOSTÓLICO

Texto de Dom Leomar Brustolin, adaptado por CIAVIC.

1. CREIO EM DEUS

Antropologicamente o homem é aberto para algo maior, possui em si uma “fenda” de incompletude que só pode ser completada num ser maior. Diante da perfeição da natureza, da grandeza do universo, mas também de algumas situações existenciais como o bem e o mal, o sofrimento e a realidade da morte, o homem reflete e se dá por conta da existência de alguém muito maior que o habita, esse alguém é Deus.

Acreditar é confiar, mas um confiar que não é cego, porque a própria fé deseja compreender. Uma das tarefas da catequese é, justamente, o conhecimento da fé que introduz a pessoa na compreensão e experiência do mistério da Santíssima Trindade, revelado por Jesus Cristo, da Sagrada Escritura, da Igreja, da Sagrada Tradição e das fórmulas de fé, de modo especial o Creio.

A Tradição Cristã conserva duas formulações que resumem toda nossa fé, que são chamadas de Símbolos ou Credos: **a) Símbolo dos Apóstolos (O Creio):** 'Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém!'; **b) Símbolo Niceno-constantinopolitano:** 'Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos, padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à

direita do Pai. E de novo há de vir, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas. Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para a remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém'.

2. PAI CRIADOR

No princípio, Deus criou o céu e a terra (Gn 1,1). O primeiro versículo da Bíblia revela Deus como criador de todas as coisas. Deus criou do nada, sem matéria alguma. Sua Palavra criava e ordenava todas as coisas e, após seu gesto criador, viu que tudo era bom. Deus disse: *haja a luz e houve a luz. Deus viu que a luz era boa* (Gn 1, 3).

Deus não quis viver apenas para si, quis doar sua vida para os outros. O mundo foi criado por amor, por isso, a criação reflete o amor de Deus. Ele teve liberdade para criar o mundo. No seu gesto criador, toda a Trindade participa da criação. A fé cristã não ensina de que forma o mundo foi criado, mas afirma que toda a vida tem origem em Deus. Toda a criação é manifestação do amor de Deus. O mal que existe no mundo não tem origem em Deus. Ele quis dar à humanidade a capacidade da liberdade: escolher, viver com Ele ou longe Dele.

3. JESUS CRISTO, NOSSO SENHOR

Jesus é Deus-Filho que se fez homem e veio habitar no meio de nós. Ele anunciou ao mundo que Deus é Pai, que tem um Filho, Jesus Cristo, e que existe o Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, que procede do Pai e do Filho.

Jesus quer dizer, em hebraico, *Deus salva*; e Cristo vem da tradução grega do termo hebraico *Messias*, que quer dizer *ungido*.

Deus Filho não foi criado, porque Ele é eterno com o Pai e o Espírito Santo. Ele não é, portanto, uma *criatura* de Deus, como nós o somos, nem é inferior ao Pai. Ele foi gerado (não criado) e é *consustancial* (da mesma substância divina) ao Pai. Enquanto ser humano, Deus Filho nasce como Jesus Cristo, mas já existia na Eternidade.

O Filho "unigênito" é único, é o filho próprio e eternamente amado do Pai. Com o termo "primogênito" entre muitos irmãos, compreende-se que Jesus é o modelo para os irmãos e irmãs que se

encontram na sua comunhão com o Pai, e que unidos ao Filho tornam-se herdeiros do Reino vindouro. Isso é o que liga Jesus a muitos outros homens e mulheres.

4. O ESPÍRITO SANTO

Crer no Espírito Santo é crer na terceira pessoa da Santíssima Trindade que participa da mesma divindade do Pai e do Filho. Ele é adorado e glorificado com o Pai e o Filho.

O Espírito Santo é o amor entre o Pai e o Filho que extrapola essa relação e vem até nós. Desde a criação, sua presença é atuante na obra de Deus. Na tradição israelita, o Espírito de Deus é chamado de *ruah*, o vento ou sopro de Deus, o hálito de vida. Acompanha toda a vida de Jesus de Nazaré, e é enviado aos seus discípulos em Pentecostes, quando estão reunidos no Cenáculo. Ele está no início da Igreja e a acompanhará até o fim dos tempos, onde acontecerá a consumação de toda a criação.

O Espírito Santo foi o último a ser revelado, mas é o primeiro que desperta a fé nas pessoas e as conduz ao encontro com Jesus e o Pai. É na força do Espírito Santo que podemos reconhecer que Jesus é o Senhor e Salvador.

5. A SANTÍSSIMA TRINDADE

Deus é Uno e Trino. Isso significa dizer que cremos num único Deus em três pessoas distintas. Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Não são três deuses, mas um Deus. As três pessoas da Trindade participam da mesma condição divina, formando uma comunidade de amor perfeita. As três pessoas se amam tanto que formam uma comunhão perfeita de amor.

Jesus, depois da Ressurreição e antes de subir aos céus, deixou a ordem de anunciar o Evangelho a todas as criaturas até os confins da terra. Os primeiros cristãos entenderam que a missão era em nome da Trindade como encontramos em Mateus: *Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei* (Mt 28, 19-20a).

Podemos valorizar cada pessoa da Santíssima Trindade, mas entender que Deus é uma comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, os quais existem em três pessoas distintas. Cada pessoa tem sua identidade própria e é reconhecido na relação com os demais.

Cada ato de uma pessoa da Trindade possui a participação das outras duas pessoas. Assim, na criação, o Filho e o Espírito participam do ato criador do Pai. O Filho encarnado é enviado do Pai e revela seu amor aos homens. Deus revelou todos os meios necessários para a salvação dos seres humanos. O Espírito anima, dá vida para toda a criação do Pai e leva as pessoas a terem fé em Jesus. A Trindade toda sai de si para a salvação do ser humano. O Pai envia seu Filho para a reconciliação com os homens na ação do Espírito Santo que conduz a cada um ao encontro com Jesus, caminho para o Pai.

6. A VIRGEM MARIA, MÃE DE DEUS E NOSSA

Em Lucas, o anjo anunciou a Maria que ela seria a mãe do salvador. Maria recebe o convite para ser a mãe de Jesus, mas ela não compreende como isso acontecerá, pois não conhece nenhum homem. O anjo explica que será pela força do Espírito Santo que Maria conceberá e dará o nome de Jesus: "*O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com sua sombra*" (Lc 1, 35). Desde então, Maria passa a ser o modelo de obediência e serviço a Deus e ao próximo. Sua vida foi dedicada e orientada para Jesus "*Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra*" (Lc 1,38).

No surgimento da Igreja, Maria amplia a sua maternidade (Jo 19, 26-27). A mãe de Jesus se torna mãe de todos os seguidores de seu Filho. Maria acompanha o surgimento da Igreja "*perseverante na oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria a mãe de Jesus, e com os irmãos d'Ele*" (At 1,14). Durante toda a história, Maria foi venerada pelos cristãos. No ano de 431 o Concílio de Éfeso proclamou que a Virgem Maria é a Mãe de Deus. Nos diversos santuários Marianos encontramos a fé na intercessão de Maria junto a Jesus. O culto a Maria está fundamentado na própria revelação bíblica "*doravante as gerações todas me chamarão bem aventurada*" (Lc 1,48).

Os dogmas marianos manifestam a importância que a Igreja dá a Maria, a Mãe de Jesus Cristo. Referentes à Maria, a Igreja afirma quatro dogmas: Maternidade Divina, Virgindade Perpétua, Imaculada Conceição e Assunção. Constituem verdades que os cristãos aceitam, aprofundam e vivenciam na comunidade de fé.

7. JESUS: PALAVRAS E SINAIS QUE SALVAM

A missão de Jesus é anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus. Toda a palavra e ação do Cristo revela o projeto salvador do Pai para a humanidade. Com Jesus, o Reino já chegou, e está no meio de nós. Os milagres, sinais, curas e exorcismos que Ele pratica revelam o seu poder sobre tudo: a natureza, as doenças, os demônios. Por isso Jesus pode agir na liberdade de quem quer libertar os outros de toda escravidão. Ele é o Messias de Deus, fez bem todas as coisas e passou pelo mundo fazendo o bem.

Após trinta anos vivendo em Nazaré, Jesus deu início à sua vida pública (cf. Lc 3,23). No rio Jordão, foi batizado por João Batista, quando o Espírito Santo veio sobre Ele na forma de uma pomba e ouviu-se a voz do céu: *Este é o meu Filho bem-amado* (Mt 3,13-17). Levado pelo Espírito ao deserto, Jesus vence as tentações de Satanás e confirma a sua obediência e amor ao projeto do Pai (cf. Lc 4,1-13). Começou a andar pelos povoados e aldeias, anunciando o Evangelho: *Esgotou-se o prazo. O Reino de Deus está aí. Mudem de vida. Acreditem nessa Boa Notícia* (Mc 1,15).

Os apóstolos o acompanhavam (cf. Lc 8,1). Jesus pregava o Reino de Deus por palavras e obras, realizando numerosos milagres, prodígios e sinais (cf. At 2,22). Ele veio *para que todos tenham vida, e vida em abundância* (Jo 10,10). No Monte Tabor, Jesus se transfigura na frente de Pedro, Tiago e João (cf. Mc 9,2-10). Ao chegar a hora dos seus sofrimentos, Jesus tomou o caminho de Jerusalém (cf. Lc 9,51). Lá, o Cristo realiza a Páscoa de sua paixão, morte e ressurreição (cf. Jo 13,18-19.30).

8. PADECEU SOB PÔNCIO PILATOS

Jesus foi fiel ao projeto do Reino de Deus e à vontade do Pai até o fim. Assumiu todas as consequências desse compromisso radical com o Pai. Nesse caminho, a cruz não surge por acaso. O Cristo foi condenado pelas autoridades judaicas daquela época por “blasfêmia” e pelos romanos por “agitação política”. Nisto consiste o sacrifício redentor de Cristo: pelo mistério de sua paixão, morte e ressurreição, Ele trouxe vida plena e salvação a todos os homens e mulheres, de todos os tempos e lugares.

Jesus já havia predito sua paixão: era necessário que o Filho do Homem fosse entregue e sofresse a morte para manifestar ao mundo a sua glória (cf. Lc 24,26-27.44-45). Ele veio para dar a sua vida em

resgate por muitos (cf. Mt 20,28). O Messias, servo sofredor completou sua missão até a morte de cruz (cf. Fl 2,8). Quando chegou a hora de Jesus passar deste mundo para o Pai, Ele amou os seus até o fim (cf. Jo 13,1). Depois da ceia com os discípulos, Jesus foi para o Jardim das Oliveiras. Sozinho e, numa tristeza de morte, Ele suou sangue e pediu ao Pai que afastasse o cálice do sofrimento que estava por vir. Mas sua obediência à vontade de Deus estava acima de tudo. Ele foi preso e conduzido ao Sinédrio (cf. Mt 26,36-59).

Pilatos, governador romano, lavou as mãos do sangue inocente de Jesus e O entregou para ser crucificado (cf. Mt 27,11-26).

9. FOI CRUCIFICADO, MORTO E SEPULTADO

A cruz é o fim de um processo, é o fato que completa a missão de Jesus: "Tudo está consumado!" (Jo 19,30). Para os judeus a morte de cruz era um escândalo, um sinal de maldição: o madeiro da vergonha. Pela lei judaica, um homem crucificado era expulso do povo, maldito por Deus (Dt 21,23). Mas a cruz de Jesus não é a imagem do seu fracasso. Muito pelo contrário, ela é a imagem da maior prova do amor de Deus pelos homens: "Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos!" (Jo 15,13). Para os cristãos, a Cruz do Senhor é a verdadeira "árvore da vida".

10. DESCEU À MANSÃO DOS MORTOS

A "mansão dos mortos" (*sheol*) era como os judeus chamavam o lugar onde os mortos habitavam. Assim, a expressão "desceu à mansão dos mortos" significa que Jesus morreu realmente, que desceu às profundezas da morte. Ele conheceu a morte como todos os que morreram e esteve com eles em sua morada. Mais do que isso, Jesus foi proclamar a Boa Nova da salvação aos espíritos dos mortos que esperavam a libertação (1Pd 4,6). Ele foi abrir as portas do céu aos justos que viveram antes d'Ele, porque sua obra redentora é para todos os homens de todos os tempos e lugares.

11 RESSUSCITOU AO TERCEIRO DIA

O Crucificado é o Ressuscitado. Essa é a verdade fundamental proclamada pelo cristianismo. O testemunho dos primeiros discípulos é unânime: o Cristo morto apareceu vivo. O corpo do Ressuscitado não é puramente físico nem somente espiritual. É um "corpo glorioso", que não volta a morrer. A ressurreição é uma realidade

totalmente nova. Como Cristo ressuscitou, os que creem n'Ele, também ressuscitarão.

Cristo ressuscitado não se manifestou ao mundo, mas a seus discípulos, "os quais são agora suas testemunhas diante do povo" (At 13,31). Retornando a Jerusalém, eles anunciaram publicamente que Deus ressuscitou dentre os mortos Aquele que foi crucificado. Essa verdade transformou os apóstolos em homens novos e encheu de sentido suas vidas e missão. De medrosos e refugiados como estavam depois da morte do seu Messias, encheram-se de coragem e começaram a pregar a Boa Nova com tanta firmeza e convicção que muita gente se converteu. Os apóstolos deram testemunho do Ressuscitado, arriscando suas vidas. A vida, para eles, não tinha mais sentido a não ser por causa de Cristo e do Evangelho. Estavam dispostos a sofrer por Ele e a morrer com Ele. Por amor a Ele, tinham abandonado tudo.

O corpo glorioso da ressurreição: a ressurreição de Jesus não foi a reanimação de um morto. O corpo ressuscitado de Jesus era o mesmo corpo que foi pregado na cruz e depositado no túmulo naquela Sexta-feira Santa. Mas não era simplesmente o mesmo. Tinha algo n'Ele extraordinariamente novo, a ponto dos discípulos não o reconhecerem logo. Era um corpo transformado: **um corpo glorioso.**

12. DONDE HÁ DE VIR A JULGAR OS VIVOS E OS MORTOS

A fé da Igreja diz que Jesus voltará uma segunda vez para a terra, mas de forma gloriosa. Não encontramos na Bíblia nenhuma afirmação de quando será o momento: *Daquele dia e hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai. Atenção e vigiai, pois não sabeis quando será o momento* (Mc 13, 32-33).

Um texto significativo sobre o julgamento de Jesus se encontra em Mateus 25. Está escrito que o Filho do homem virá na sua glória e julgará os vivos e os mortos. Aqueles que praticaram a caridade entrarão no Reino dos céus; enquanto os outros que não praticaram a caridade serão condenados, para sempre.

13. A SANTA IGREJA CATÓLICA

A Igreja foi fundada por Jesus Cristo, que durante sua vida chamou os Doze apóstolos, fazendo de Pedro o primeiro Papa e lhes ordenou que anunciassem o Evangelho a toda criatura. O Espírito

Santo, em Pentecostes, confirma a existência da Igreja com a missão de anunciar Jesus pelo mundo. A Igreja possui quatro características fundamentais: é **Una** (uma única fé), **Santa** (porque seu autor é Deus que nela permanece), **Católica** (significa universal, criada para estar presente em todos os lugares e aberta para todos os tipos de pessoas) e **Apostólica** (porque fundada sobre o fundamento dos Doze apóstolos e ligada àquela comunidade pela linha sucessória dos apóstolos aos bispos que com o Papa mantém a unidade da Igreja), ela é a comunidade daqueles que têm fé e seguem Jesus Cristo.

A palavra Igreja tem origem na língua grega e significa assembleia, povo reunido, convocado por Deus. Durante sua vida, Jesus foi chamando o grupo dos Doze apóstolos, eles foram aqueles que viveram com Jesus aprendendo com Ele, testemunharam a Ressurreição e foram enviados para anunciar o nome de Dele e o seu Reino. Após a Crucificação, a comunidade dos apóstolos se dispersou por medo da perseguição. Somente com a vinda do Espírito Santo em Pentecostes é que esse grupo foi confirmado e passou a ser reconhecido publicamente como comunidade reunida que seguiu Jesus Cristo. A razão da existência da Igreja é continuar a tornar presente o nome de Jesus vivo, pela ajuda do Espírito Santo, durante todos os tempos.

Jesus é Deus e homem ao mesmo tempo, isto é, divino e humano. Por causa disso, a Igreja também possui duas realidades, é divina e humana ao mesmo tempo. Ela **é divina** porque foi fundada por Jesus Cristo e animada pelo Espírito Santo. **Humana**, porque é feita de homens e mulheres que a conduzem. A Igreja não se confunde com uma associação de moradores, um clube ou reunião de amigos. É muito mais que isso, é a união de todos aqueles que têm fé em Jesus, e professam a mesma fé. Os discípulos não guardaram para si a grande alegria do Jesus Ressuscitado e quiseram levar aos demais, sua alegria e fé. Ela transmite a fé de geração em geração.

Todos os fiéis que foram batizados fazem parte da Igreja. Os ministros ordenados e os não-ordenados fazem parte dos seguidores de Jesus e o servem de diferentes maneiras. Por esse motivo, todos são chamados à vida de santidade. Todo batizado tem por missão a santidade e tornar a Igreja mais santa.

14. A COMUNHÃO DOS SANTOS

São Paulo nos afirma que nada pode nos separar do amor de Deus (Rm 8,35-39) nem mesmo a morte. Cremos que aqueles que falecem, e são julgados, são conduzidos a participarem de uma liturgia celeste, na presença do Deus Trino, onde o Filho está como cordeiro imolado sobre o Altar. Esses falecidos e bem aventurados adoram ao cordeiro no Altar (Ap 5, 5-14). Quando a Igreja se reúne para a liturgia na terra, também é colocada diante do mesmo cordeiro que vem até ela sobre o Altar de nossas comunidades, assim há um encontro espiritual de fé entre a Igreja terrestre e a Igreja celeste, na qual uns podem pedir pelos outros: isso é intercessão.

Assim, a Igreja estende-se até aqueles que já faleceram. Aqui precisamos ampliar o conceito de Igreja para a união das pessoas convocadas pelo Pai, em Jesus Cristo, no Espírito Santo. Todos os crentes em Jesus de Nazaré formam um só povo, um só corpo e uma só Igreja: vivos e mortos.

A comunhão dos santos acontece pela comunhão espiritual que existe entre todos os seguidores de Jesus. A morte não tem poder de terminar com a união das pessoas entre si. Porém, não podemos entender a comunhão dos santos como uma forma de relacionamento aonde os mortos vêm “falar” com os vivos. Os vivos não ouvem, não enxergam os mortos e nem estes podem aparecer diante das pessoas para fazer-lhes o mal. Existe uma barreira intransponível entre os vivos e os mortos. Nós não podemos experimentar a realidade depois da morte e nem os mortos podem voltar à nossa realidade terrena. Mas existe uma união de corações que permanece no poder da fé.

15. A REMISSÃO DOS PECADOS

O mandato de Jesus Cristo à conversão é intenso: *Convertam-se e acreditem na Boa Notícia* (Mc 1,15). Se a pessoa humana, pecadora, se arrepender, é perdoada (cf. Lc 17,3), porque há mais alegria no céu por um só pecador convertido do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão (cf. Lc 15,7).

Através de Jesus Cristo, a pessoa humana aprendeu que tudo o que fizer de mal para os outros ofende a Deus, porque todo desamor praticado nessa terra, contraria o mandamento maior que Nosso Senhor nos deixou: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei!*

(Jo 15,12). Foi o ódio presente no coração humano que pregou Jesus Cristo na Cruz. Rejeitaram suas propostas de rezar pelos inimigos, de perdoar quem ofende e de amar sem cansar.

Assim o pecado é toda a ação, por pensamentos, palavras e atos, que ofende diretamente a Deus ou indiretamente quando atinge a Sua Criação. Há assim uma separação, uma ruptura de amizade e de relação. No entanto, nem todos os erros são pecados, porque, para haver pecado, é preciso saber que se está errando, querer pecar e livremente praticar o pecado.

Nenhuma ação humana seria digna de restabelecer a união quebrada. Assim o sacrifício do Cordeiro sem mancha, o próprio Filho de Deus, é o único meio de remir, de restabelecer a amizade entre o homem e Deus. Crer em Jesus e ser batizado faz com que os méritos daquele sacrifício beneficiem a pessoa. Jesus, sabendo da fragilidade da natureza humana, e não querendo perder a ninguém, instituiu o sacramento da Penitência, que possibilita a pessoa humana experimentar a reconciliação consigo mesma, com a Igreja e com Deus, daqueles pecados cometidos após o Batismo. O poder de perdoar pecados foi concedido por Jesus à Igreja.

16. A RESSURREIÇÃO DA CARNE

Ressurreição significa passar da morte para a vida eterna. Assim, Jesus ressuscitou, porque morreu e, após três dias, voltou a viver no corpo (cf. Mt 28,5-7; Mc 16,6; Lc 24,3-4 e Jo 20,1-9). Seu corpo se tornou glorioso, podendo ser tocado (cf. Jo 20,17.27) e podendo também atravessar portas e paredes sem a necessidade de serem abertas ou derrubadas (cf. Jo 20,19). O corpo de Jesus ressuscitado é um corpo semelhante ao que receberemos no final dos tempos.

17. A VIDA ETERNA

A morte é o fim da caminhada terrestre de cada pessoa. Após a morte a Igreja crê que a pessoa é imediatamente julgada por Deus. Podendo ir para o céu, inferno ou purgatório. A Igreja ensina que sobrevive um “eu individual” após a nossa morte, isto é, sobrevive nossa identidade pessoal. Após o julgamento individual ficamos esperando, no tempo de Deus, a ressurreição do corpo, quando Deus transformará toda criação.

Após o momento de nossa morte, seremos julgados pelo amor. Aqueles que morreram na amizade com Deus irão diretamente para o céu. O céu é um estado perfeito onde todas as aspirações, toda felicidade

acontecem. O céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados a Jesus. Lá não existe morte, sofrimento, tristeza, sempre a felicidade de viver com Deus. O céu acontece a perfeição da bondade, da solidariedade, da fé em Jesus que tínhamos na terra, no céu temos de uma forma maior.

Existem também aqueles que tiveram em sua vida a vontade de seguir Jesus Cristo, de viver sua mensagem do Evangelho, mas não conseguiram praticar o amor fraterno. Esses passarão pelo purgatório. Este é um modo de purificação para cada pessoa que durante sua vida não conseguiu viver o amor que Jesus pediu. Por um princípio de justiça, ali confrontam-se com a vontade de Deus, e mudando sua forma de ser, passando a viver o amor que Deus pediu para as pessoas. Após essa mudança há garantia de entrada no céu, onde existe plena amizade com Deus.

Também existem aqueles que durante sua vida se fecharam totalmente para Deus. Rejeitaram seus ensinamentos, de praticar o amor com os demais e se fecharam em si mesmos. Preferiram viver os seus egoísmos e sua busca por poder. Nesses casos, não conseguem compreender a partilha que existe no céu. O seu modo de vida não está de acordo com a proposta de Deus, é como obrigar um peixe a viver fora d'água. Muitos vivem na maldade, escolheram um caminho contrário ao de Deus. Viver no inferno é estar totalmente separado de Deus todo poderoso, ter negado seu amor de forma livre e consciente. É um estado de auto-exclusão da comunhão com Deus. O inferno é uma realidade eterna e não há arrependimento para estes.

A fé cristã crê que todo o cosmos está chamado a uma total comunhão com Deus. A atual forma de existência do universo, com sua história de milhões de anos, assim como teve um início, irá conhecer um fim.

Na Parusia, teremos uma transfiguração do mundo que conhecemos. Será um novo céu e uma nova terra. Toda criação visível e invisível mudará em algo que não podemos saber como será, mas apenas sabemos que algo muito maior nos aguarda (Rm 8, 20-21). A vinda dos novos céus e da nova terra pressupõe a intervenção de um novo ato criador divino. Sem esta nova intervenção de Deus, o mundo não chegará ao seu cumprimento total. A fé cristã professa que o universo está destinado a participar da própria história íntima de Deus. Aqui, então, vale o princípio: nada se perde, tudo se transforma, e mais, tudo será transfigurado; isto é, passa a figura deste mundo e, em Cristo, tudo entra na glória da trindade.